

**UMA  
BREVE,  
HISTÓRIA  
DAS  
MENTI  
RAS  
FASCISTAS**

Copyright © 2020 Federico Finchelstein

Publicado mediante acordo com a University of California Press.

Título original: *A Brief History of Fascist Lies*

Todos os direitos reservados pela Editora Vestígio. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

EDITOR RESPONSÁVEL

*Arnaud Vin*

EDITOR ASSISTENTE

*Eduardo Soares*

PREPARAÇÃO

*Eduardo Soares*

REVISÃO

*Bruna Emanuele Fernandes*

CAPA

*Diogo Droschi (sobre imagem de Petlin Dmitry/shutterstock)*

DIAGRAMAÇÃO *Guilherme Fagundes*

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) Câmara Brasileira do Livro, SP,  
Brasil**

Finchelstein, Federico, 1975-

Uma breve história das mentiras fascistas / Federico Finchelstein ; tradução de Mauro Pinheiro. – 1 ed.  
– São Paulo : Vestígio, 2020. -- (Espírito do tempo ; 3 / coordenação Arnaud Vin).

Título original: *A Brief History of Fascist Lies*

ISBN 978-65-8655-105-1

1. Fascismo 2. Fascismo - História - Século 20 3. Nazismo 4. Populismo 5. Ditadura 6. Democracia 7.  
Eleições 8. Fake news I. Título. II. Série.

20-39579

CDD-320.533

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Fascismo : Ciências políticas 320.533

Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

A **VESTÍGIO** É UMA EDITORA DO **GRUPO AUTÊNTICA**

**São Paulo**

Av. Paulista, 2.073 . Conjunto Nacional Horsa I . 23º andar . Conj. 2310-2312 Cerqueira César . 01311-940 . São Paulo . SP

Tel.: (55 11) 3034 4468

**Belo Horizonte**

Rua Carlos Turner, 420 Silveira . 31140-520

Belo Horizonte . MG

Tel.: (55 31) 3465 4500

*Para Lucia, Gabi e Laura*



## ■ PREFACIO A EDIÇÃO BRASILEIRA

COMECEI A ESCREVER ESTE PREFÁCIO em meio à pandemia do coronavírus. Lamentavelmente, eu o fiz confinado em meu apartamento na cidade de Nova York, onde vivo e trabalho há quatorze anos. Vivemos um momento que nos parece excepcional, mas que logo, assim como todos os demais, será um capítulo de uma história mais vasta. Neste cenário, só me resta lamentar que este livro tenha se tornado ainda mais pertinente. Em outras palavras, a partir da análise das mentiras do fascismo no passado, pode-se compreender melhor estes estranhos tempos que vivemos. Passado e presente exibem odiosas convergências dos modos como o poder nega a realidade e como essas negações terminam, às vezes alterando-a e, em geral, ampliando-a, chegando inclusive a gerar desastres.

Conforme analiso no presente livro, os fascistas imaginaram novas realidades, e logo transformaram as verdadeiras. No mesmo caminho seguem seus sucessores.

Tomemos como exemplo a crise desencadeada pelo coronavírus e as ações xenófobas de pós-fascistas como Donald Trump, e também as exaltações exageradas e as reações de seus seguidores globais.

A ideia de culpar as minorias e os imigrantes pela propagação de doenças não é nova e, de fato, possui precedentes fascistas. Há muitas formas de frear a transmissão do coronavírus, porém, a combinação de ideologia, magia e má ciência não deveria ser uma delas.

É lastimável que, no contexto da pandemia, tenham se expandido, como o próprio vírus, as formas autoritárias que deveriam combater a doença, mas que na verdade a negligenciaram, através do poder da vontade ou da crença no mundo ideológico dos líderes.

Faz-se necessário recordar que as formas totalitárias de abordar as enfermidades não alcançaram grandes resultados no passado. A mistura



fascista que envolve ideologias políticas, racismo e perseguição do outro não conduziu a revoluções científicas nem a grandes descobertas, exceto à violência e, inclusive, ao genocídio. No Holocausto, primeiro as vítimas foram acusadas de propagação de doenças, e então os nazistas criaram condições artificiais e insalubres nos guetos e nos campos de concentração e extermínio para que a ideologia pudesse se impor à realidade. Somente nesse universo criado por eles, as vítimas adoeceram e propagaram moléstias. Por outro lado, o fascismo criou enfermidades imaginárias por todas as partes, mas não obteve grandes avanços com as verdadeiras.

Mais recentemente, tanto Trump quanto Jair Messias Bolsonaro, no Brasil, Viktor Orbán, na Hungria, e Narendra Modi, na Índia, mentiram sobre o coronavírus e o utilizaram como pretexto para promover seus ímpetos totalitários. Esse novo negacionismo adotou formas grotescas. Um caso já tristemente emblemático foi o de Trump aconselhando a ingestão de produto desinfetante, ao mesmo tempo que pedia o afrouxamento das medidas sanitárias para a população, medidas estas aprovadas pelos especialistas de seu próprio governo. No caso de Modi, ele culpou um grupo de missionários muçulmanos pela propagação do vírus, sem mencionar as reuniões semelhantes realizadas entre grupos hindus. No caso de Orbán, o autocrata húngaro utilizou a pandemia para criar poderes quase ditatoriais, chegando a uma situação que muitos interpretaram como uma “coronaditadura”. Além do poder de anular e criar leis, Orbán se atribuiu a capacidade de prender aqueles que promoviam “verdades distorcidas”. Outro caso não menos hostil foi o de Bolsonaro negando diretamente a doença, contestando a autoridade dos especialistas da OMS (organização que, segundo o “capitão”, se dedica a fomentar a masturbação e a homossexualidade nas crianças), fabricando realidades alternativas e associando as posições contra a quarentena à necessidade de fechar o Congresso. O mesmo pode ser dito dos pós-fascistas do Vox, na Espanha, ou de Matteo Salvini, na Itália. Todos eles mesclaram suas fantasias xenófobas e autoritárias com a ciência e a enfermidade, e o resultado não podia estar mais distante da realidade.

Depois de negar a importância do vírus, Trump optou por um coquetel de xenofobia, medidas sanitárias tardias e até mesmo a intenção

de comprar uma empresa alemã para obter uma vacina antes do resto do mundo. Trump vinculou, como solução diante da doença, a construção de seu muro anti-imigrantes e a ideia de um “vírus chinês” à promoção de sua vontade e à sua certeza de que tudo acabará bem. Não satisfeito com sua demonização dos imigrantes sem documentos, Trump suspendeu a imigração legal por completo.

Um elemento central da mentira fascista é a projeção. Os fascistas sempre negam o que são e atribuem suas próprias características, sua responsabilidade e sua própria política totalitária a seus inimigos. Munido desse precedente ideológico, Trump afirmou em 27 de abril de 2020: “Tem havido muitas mortes desnecessárias neste país. Poderiam ter sido evitadas, e de uma vez, mas parece que alguém, faz muito tempo, decidiu não agir dessa maneira. E todo mundo está sofrendo por isso”. No início da crise sanitária, ele prometeu que até abril o vírus teria desaparecido, e, em 19 de fevereiro de 2020, declarou a um canal de televisão de Phoenix: “Creio que os números melhorarão progressivamente à medida que progredimos”. Quatro dias depois, qualificou a situação como “insuficientemente controlada” e acrescentou: “Tínhamos 12 casos, em certo momento. E agora melhorou muito. Vários deles estão completamente recuperados”. Enquanto escrevo estas linhas, no início de agosto de 2020, os Estados Unidos são o país com o maior número de contaminados e de mortes em todo o planeta. São 5 milhões de infectados e mais de 162 mil vítimas fatais. Em segundo lugar, vem o Brasil, com quase 3 milhões de casos e 100 mil mortos. O fato de os países governados por Trump e Bolsonaro ocuparem os primeiros lugares nesse pódio infame não é uma mera casualidade, e isso pode ser explicado a partir de uma ideologia autoritária que nega a ciência e enaltece a mentira.

No Brasil, uma ideologia com propagandas golpistas, muito próxima do fascismo, tem se intercalado com o nacionalismo e o messianismo mais extremo a fim de ignorar a pandemia e o bem-estar da população. O pior de tudo é que, em vez de se antecipar à tormenta, o presidente brasileiro dedicou-se a promovê-la. Concretamente, os populismos de extrema-direita atacam os direitos dos cidadãos e põem ainda mais em risco a saúde da população em tempos de pandemia. Essa falta de responsabilidade teve suas edições anteriores na Itália e na Espanha,



ainda que nesses países os pós-fascistas não detenham o poder, como Trump e Bolsonaro.

Na Itália, a ideia de que o vírus era algo exterior à nação foi promovida pelos populistas de direita, e um de seus líderes afirmava que “o verdadeiro problema é a pandemia midiática que estão espalhando internacionalmente, não a sanitária”.<sup>1</sup> Como Trump e Bolsonaro, os populistas italianos negaram sua responsabilidade e até mesmo promoveram o avanço da enfermidade.

A ideia com raízes fascistas de que o nacionalismo, ou a grandeza nacional, pode combater a doença foi substituída pela mentira, ou propaganda mais simples, quando a ideologia nacionalista não bastou. No entanto, para aqueles que acreditam no culto de seus líderes, essas mentiras são suficientes; mas esse não é o caso para o resto da população. As mentiras e o preconceito matam.

Os pós-fascistas espanhóis, sem sérias responsabilidades governistas, reproduzem os mesmos argumentos que contribuíram para levar uma situação tão calamitosa ao norte da Itália.

No caso do Vox, muitos entre seus líderes se contaminaram depois de ter convocado manifestações políticas, numa atitude contrária à prevenção e ao isolamento recomendados pelos especialistas. Entretanto, uma vez contaminados, suas fantasias xenófobas os levaram a afirmar que o vírus era coisa de chinês, e que seus anticorpos personificavam a nação em seu conjunto. Para os historiadores do fascismo e da saúde, essa fusão entre luta nacional e enfermidade é uma marca indelével de regimes como os de Hitler e Mussolini.

Ditadores e demagogos que negam a realidade e fazem da mentira uma política de governo encontram dificuldades para lidar com as consequências concretas daquilo que negam. Em alguns casos, se isolam ou se expõem e, pior ainda, expõem muitos outros às enfermidades. Diante delas, fascistas e pós-fascistas propõem soluções mágicas, e isso poderia, ou deveria, ter consequências devastadoras para os populistas mais extremistas e seus aliados fascistas. A mistura de fascismo, pós-fascismo, xenofobia e doença tem resultados letais; essas ideias se baseiam na mais absoluta irresponsabilidade. Historicamente, o fascismo e a mentira caminham de braços dados, mas cedo ou tarde, todos – inclusive

seus seguidores – verão seus imperadores nus. Lamentavelmente, antes de sua queda, muitos cidadãos pagarão pelas consequências de suas ações.

*Nova York, 6 de agosto de 2020.*

## ■ INTRODUÇÃO

*O que vocês estão vendo e o que vocês estão lendo não é o que está acontecendo.*

DONALD J. TRUMP, 2018

*Desde então, uma luta entre a verdade e a mentira tem sido travada. Como sempre, dessa luta, a verdade sairá vitoriosa.*

ADOLF HITLER, 1941

*Você deve acreditar em mim porque estou acostumado – este é o sistema da minha vida – a dizer, sempre e em todo lugar, a verdade.*

BENITO MUSSOLINI, 1924

UMA DAS PRINCIPAIS LIÇÕES da história do fascismo é que mentiras racistas conduziram a uma violência política extrema. Hoje, as mentiras estão de volta ao poder. Essa é, agora mais do que nunca, uma lição importante da história do fascismo. Se quisermos entender nosso preocupante presente, precisamos prestar atenção à história dos ideólogos fascistas e a como e por que a retórica desses homens levou ao Holocausto, à guerra e à destruição. Precisamos da história para nos lembrar como tanta violência e racismo aconteceram num período tão curto de tempo. Como foi que os nazistas e outros fascistas chegaram ao poder e assassinaram milhões de pessoas? Eles fizeram isso espalhando mentiras ideológicas. O poder político fascista derivou significativamente da cooptação da verdade e da ampla propagação de mentiras.

Atualmente, testemunhamos uma onda emergente de líderes populistas de direita em todo o mundo. E, bem semelhante aos líderes fascistas do passado, uma grande parte do seu poder político é erigida questionando a realidade; endossando mito, ódio e paranoia; e promovendo mentiras.



Este livro apresenta uma análise histórica da utilização das mentiras políticas pelos fascistas e da maneira como eles entendem a verdade. Essa questão se tornou extremamente importante no momento atual, uma era, às vezes, descrita como pós-fascista e, outras vezes, como pós-verdade. A proposta é apresentar um recorte histórico que convide a uma reflexão profunda sobre a história da mentira nas políticas fascistas de modo a nos ajudar a pensar sobre a utilização de mentiras políticas nos nossos tempos.

A mentira é, decerto, tão velha quanto a política. Propaganda, hipocrisia e falsidade são onipresentes na história das lutas pelo poder político. Esconder a verdade em nome de um bem maior é um traço distintivo da maior parte – senão de toda – da história política. Liberais, comunistas, monarcas, democratas e tiranos também mentiram repetidamente. Que fique claro: os fascistas não foram os únicos que mentiram em sua época, tampouco seus descendentes são os únicos a mentir hoje em dia. Na verdade, o filósofo alemão e judeu Max Horkheimer observou, certa vez, que a submissão da verdade ao poder se encontra no coração da modernidade.<sup>1</sup> Mas o mesmo argumento pode ser usado para as épocas passadas. Na história mais recente, estudar os mentirosos fascistas não deveria significar deixar liberais, conservadores e comunistas fora do grupo. Na verdade, as mentiras, bem como um entendimento elástico da verdade, são marcas distintivas de diversos movimentos políticos.<sup>2</sup> Mas o ponto que pretendo esclarecer neste livro é que os fascistas e, agora, os mentirosos populistas jogam no mesmo time.

A mentira fascista não é nem um pouco típica. Essa diferença não é uma questão de gradação, ainda que a gradação seja significativa. A mentira é uma característica do fascismo de um modo que não ocorre em outras tradições políticas. A mentira é incidental no, digamos, liberalismo de uma maneira que não acontece no fascismo. E, na verdade, quando se trata de enganações fascistas, elas partilham poucas coisas com outras formas de política na história. Elas estão situadas além das formas mais tradicionais de duplicidade política. Os fascistas consideram que suas mentiras estão a serviço de verdades simples e absolutas, que são de fato mentiras ainda maiores. Assim, as mentiras destes na política justificam uma história à parte.

\*\*\*

Este livro aborda a posição fascista sobre a verdade, que estabelece as bases daquilo que se tornou uma história fascista das mentiras. Essa história ainda ressoa em nossos tempos sempre que terroristas fascistas, de Oslo a Pittsburgh e de Christchurch a Poway, decidem, após transformar mentiras em realidade, colocá-las em prática com violência letal.

No momento em que concluí este livro, um fascista massacrou vinte pessoas num Walmart em El Paso, Texas, no mais terrível atentado anti-hispânico da história dos Estados Unidos. Esse fascista terrorista evocou uma “verdade” que nada tem a ver com a história real ou a realidade. Na verdade, ele evocou “a verdade inconveniente” no título de seu curto manifesto. O assassino alegou que seu ataque havia sido uma ação preventiva contra os invasores hispânicos e que “são eles os instigadores, não eu”. Sua preocupação principal eram as crianças nascidas nos Estados Unidos de pais imigrantes hispânicos, que ele nitidamente não considerava como verdadeiros americanos. Agindo assim, ele promoveu uma métrica vil e racista, que ele, e outros, acreditam que deveria ser o padrão para determinar a cidadania americana ou o status legal. Esse método de medição se baseia em coisas que nunca aconteceram: imigrantes não cruzam a fronteira dos Estados Unidos com a intenção de conquistar ou contaminar. Mas não é isso que alega a ideologia racista de supremacia branca.

O próprio racismo fascista se baseia na mentira de que os humanos são hierarquicamente divididos entre raças superiores e raças inferiores. Ele se fundamenta numa fantasia puramente paranoica de que as raças mais fracas visam dominar as mais fortes, e é por essa razão que as raças brancas precisam se defender preventivamente. Essas mentiras levam o assassino a matar. Nada há de novo na fusão operada pelos terroristas das mentiras com a morte, ou a projeção de suas visões racistas e totalitárias sobre as intenções de suas vítimas. Os fascistas haviam matado muitas vezes antes, em nome de mentiras disfarçadas em verdades. Mas, em contraste com histórias anteriores de fascismo, desta vez os fascistas partilham objetivos comuns com os populistas no poder. Em outras palavras, suas visões racistas são partilhadas com a liderança da Casa Branca.



O fascismo começa a agir por baixo, mas é legitimado a partir de cima. Quando o presidente brasileiro Jair Bolsonaro menospreza abertamente os brasileiros de descendência africana ou quando o presidente americano Donald J. Trump trata os mexicanos como estupradores que estão “invadindo” a América em “caravanas”, eles estão legitimando um raciocínio fascista para alguns de seus seguidores políticos. Mentiras fascistas, por sua vez, proliferam em discursos públicos. Como o *New York Times* explicou, após a chacina de El Paso, “Em comícios de campanha antes das eleições de meio do mandato, no ano passado, o presidente Trump repetidamente alertou que a América estava sob ataque dos imigrantes a caminho da fronteira. ‘Veja os que estão marchando, isso é uma invasão!’, ele declarou durante a campanha. Nove meses mais tarde, um homem branco de 21 anos é acusado de abrir fogo no Walmart de El Paso, matando vinte pessoas e ferindo uma dúzia, após escrever um manifesto protestando contra a imigração e anunciando que seu ataque era uma reação à invasão hispânica do Texas”.<sup>3</sup>

As mesmas mentiras que motivaram o assassino de El Paso estão no seio do trumpismo e no assim chamado esforço para tornar a *America Great Again*. Mentir a respeito de coisas que fazem parte do registro permanente tornou-se parte da rotina cotidiana do presidente americano. Continuamente, Trump tem usado técnicas específicas de propaganda, mentindo inconsequentemente, substituindo o debate racional pela paranoia e o ressentimento, e colocando em dúvida a própria realidade.<sup>4</sup> Os ataques de Trump à mídia convencional e as instâncias fartamente documentadas em que ele alega não ter dito algo que se encontra de fato no registro público estão relacionados à história das mentiras fascistas analisadas neste livro.

Além disso, a agenda de Trump transforma premissas ideológicas, frequentemente baseadas em paranoia e ficções sobre aqueles que são diferentes ou se sentem e se comportam diferentemente, em políticas reais que incluem a adoção de medidas racistas tendo como alvo específico os muçulmanos e os imigrantes latinos, assim como o desdém por comunidades, bairros, jornalistas e políticos negros. Ao mesmo tempo, ele defendeu manifestantes nacionalistas brancos que participaram da marcha em Charlottesville, onde um adversário dos

manifestantes foi assassinado.<sup>5</sup> Conforme explicou Ishaan Tharoor no *Washington Post*, “Ele alimentou os rancores dos nacionalistas brancos em sua base, enquanto demonizava, depreciava ou atacava imigrantes e minorias. Há poucas semanas, o presidente lançou diatribes contra a minoria feminina de parlamentares e tratou as cidades do interior da nação como zonas de ‘infestação’. Antes das eleições de meio de mandato em 2018 e agora, quando sua campanha à reeleição se encontra a todo vapor, ele incitou o medo e o ódio em relação à ‘invasão’ de migrantes na fronteira entre México e Estados Unidos, alertando sobre um perigo vital invadindo o país”.<sup>6</sup>

Como é possível a Casa Branca promover e provocar atos perpetrados por terroristas fascistas? Como expliquei no meu último livro, *Do fascismo ao populismo na história*, estamos testemunhando um novo capítulo na história do fascismo e do populismo, duas ideologias políticas diferentes que agora compartilham um objetivo: fomentar a xenofobia sem impedir a violência política. Assassinos fascistas e políticos populistas conservam metas em comum.

Diferentemente do fascismo, o populismo é uma interpretação autoritária da democracia que remodelou o legado do fascismo após 1945 de modo a combiná-lo com procedimentos democráticos distintos. Depois da derrota do fascismo, o populismo emergiu como uma forma de pós-fascismo, que reformula o fascismo para os tempos democráticos. Outra maneira de dizê-lo seria: o populismo é o fascismo adaptado à democracia.

Nos Estados Unidos, não surpreende que pessoas cujas ideologias se alinham à de Trump possam se engajar na violência política, desde o assédio aos imigrantes nas ruas até o envio de bombas a indivíduos que Trump costuma rotular de “inimigos do povo”. Ainda que essas formas de violência política não sejam dirigidas diretamente pelo governo americano ou suas lideranças, Trump tem a responsabilidade ética e moral por estimular um clima de violência.<sup>7</sup>

Esse clima de violência é fomentado em nome de mentiras racistas, que são reembaçadas sob a forma de verdade.<sup>8</sup> Tal situação apresenta uma grande quantidade de semelhanças com a mentira fascista na história. Na verdade, existem fortes laços históricos entre o fascismo alemão e o americano. O partido nazista admirava as políticas racistas e



segregacionistas dos Estados Unidos durante o início do século XX, modelando suas leis de Nuremberg com base na legislação Jim Crow, que legalizava formalmente a segregação racial pública.<sup>9</sup> O próprio Hitler adorava as histórias do escritor alemão Karl May sobre a conquista ariana do oeste americano. Hoje em dia, a ideologia de Hitler reverbera na convicção dos neonazistas americanos de que eles são os herdeiros do legado ariano e responsáveis pela sua defesa contra uma invasão.

Graças à História, hoje conhecemos as terríveis consequências das mentiras fascistas. Sabemos o que aconteceu quando elas foram transformadas em realidade. Não foram somente as pessoas que apoiavam as políticas racistas de Hitler que levaram o fascismo alemão à vitória, mas também as pessoas que simplesmente não se importavam que um elemento definidor do nacional-socialismo fosse o racismo. A principal diferença entre aquela época e agora é que hoje há um bocado de condenação das mentiras racistas do presidente e do impacto que causam em setores mais amplos da sociedade americana. Contrastando com os tempos ditatoriais de Hitler e Mussolini, quando a imprensa livre foi eliminada, atualmente a mídia independente continua funcionando nos Estados Unidos. Seu trabalho é essencial para a democracia. Acusar a mídia de mentir, de não ser confiável, se baseia na ideia, analisada no presente livro, de que só o líder pode ser a fonte da verdade. Numa época em que o presidente americano demoniza os jornalistas, chegando a chamá-los de “inimigos do povo”, a imprensa independente continua revelando as mentiras e corroborando os fatos.

O caso americano não é o único. No Brasil, Bolsonaro, chamado de o “Trump dos Trópicos”, tem igualmente demonizado jornalistas, glorificado as políticas ditatoriais do país e abonado mentiras desprezíveis sobre o meio ambiente. Contra o fato das mudanças climáticas, tanto Trump quanto Bolsonaro têm apoiado falsificações que estão diretamente ligadas a um dos maiores crimes atuais no planeta: a rápida destruição da Amazônia. Como ocorre com as mentiras fascistas sobre “sangue e solo”, as fraudes populistas estão ligadas à violência, não somente contra as pessoas, mas também contra a Terra. Como noticiou o *The Guardian*, a floresta amazônica “está sendo queimada e decepada no ritmo mais alarmante da memória recente [...] a uma taxa de desmatamento equivalente à superfície da ilha de Manhattan por dia”.

Bolsonaro negou os fatos sobre o aumento exponencial do desflorestamento em seu governo e acusou sua própria agência de meio ambiente de divulgar “números falsos”. Como relatou o *New York Times*, “uma acusação destituída de fundamentos”.<sup>10</sup>

Conforme demonstra a história do fascismo, o questionamento dessas mentiras é de importância fundamental para a sobrevivência da democracia. O fato de Trump estar alimentando suspeitas sobre o sistema eleitoral sem apresentar provas reais deveria ser levado a sério. Por exemplo, ele afirma que milhões de pessoas sem documentos na Califórnia votaram em Hilary Clinton em 2016, e que esse tipo de fraude ocorreu em outros estados americanos – afirmações que ele mesmo foi incapaz de provar. Estes e outros exemplos recorrentes de mentiras trumpistas representam um grave ataque à democracia. Elas fazem isso de maneira a perturbar a confiança nas instituições democráticas, exatamente como os fascistas fizeram. Entretanto, uma diferença essencial, até agora, é que os populistas querem apenas reduzir o poder da democracia representativa, ao passo que os fascistas queriam acabar com ela. Hoje, sabemos que a democracia precisa ser incansavelmente defendida, porque as instituições e as tradições democráticas não são tão fortes quanto muitos acreditam que sejam. De fato, as mentiras podem destruir a democracia.

O objetivo deste livro é compreender por que os fascistas do século XX consideravam as simples e odiosas mentiras como verdade, e por que outras pessoas acreditaram neles. Historicamente, as mentiras têm sido o ponto de partida de políticas antidemocráticas, um fato que teve consequências desastrosas para as vítimas do fascismo. Essa razão é suficiente para mostrar que a história das mentiras não pode ser excluída das investigações dos historiadores sobre a violência, o racismo e o genocídio políticos modernos.

Os líderes fascistas proeminentes do século XX – de Mussolini a Hitler – consideravam as mentiras como sendo verdades encarnadas por eles. Esse era o ponto central das noções que tinham do poder, da soberania popular e da história. Um universo alternativo, no qual a verdade e a falsidade não podem ser distinguidas, se baseia na lógica do mito.<sup>11</sup> No fascismo, a verdade mítica substituiu a verdade factual.

Atualmente, as mentiras parecem novamente substituir cada vez mais a verdade empírica. À medida que os fatos são apresentados como “fake news”, e as ideias originárias daqueles que negam os fatos se tornam políticas governamentais, devemos lembrar que o debate atual sobre a “pós-verdade” tem uma estirpe política e intelectual: a história das mentiras fascistas.



## SOBRE AS MENTIRAS FASCISTAS

*Eu dei um murro na cara de um daqueles mentirosos. As testemunhas aprovaram minha atitude, e fabricaram outras mentiras. Eu não acreditei nelas, mas não ousava ignorá-las.*

JORGE LUIS BORGES

O MAIS FAMOSO PROPAGANDISTA FASCISTA, o líder nazista Joseph Goebbels, é com frequência citado equivocadamente dizendo que a repetição das mentiras era fundamental para o nazismo. Essa citação errônea resultou na imagem de um fascismo plenamente consciente da dimensão de suas falsidades deliberadas.<sup>1</sup> A fraude se encontra no centro do fascismo? Os mentirosos acreditam nas próprias mentiras? Estão eles cientes da falsidade? Quando Goebbels disse que Hitler sabia de tudo, e que ele era um “instrumento naturalmente criativo do destino divino”,<sup>2</sup> dispunha ele verdadeiramente de uma noção baseada na realidade do conhecimento?

Isso é complicado. Na verdade, tendo certa vez forjado e depois divulgado notícias sobre uma tentativa de assassinato da qual teria sido vítima, Goebbels então “publicou-as” como fato em seus diários. Nesses diários, que não foram escritos para serem publicados, mas que vieram a público muitos anos depois de sua morte, ele anotou também o “sucesso” de seus discursos depois de serem celebrados pela mídia controlada por ele.<sup>3</sup> Estava Goebbels mentindo para si mesmo, ou ele acreditava numa forma da verdade que transcendia a demonstração empírica? Queria ele fabricar uma nova realidade? Com certeza, de uma perspectiva baseada na realidade, não há diferença entre a fabricação de uma mentira e a fé numa ideia mágica da verdade, uma fuga da

veracidade. Ao inventar uma realidade alternativa, Goebbels estava mentindo para si mesmo, mas não é nisso que ele e a maioria dos fascistas transnacionais acreditavam.

Para fascistas como Goebbels, o conhecimento era uma questão de fé, e especialmente uma fé profunda no mito do líder fascista. A manipulação ou a invenção de fatos era uma dimensão importante do fascismo, mas também o era a crença numa verdade que transcendia os fatos. Os fascistas não viam contradição entre verdade e propaganda.

Goebbels definia a propaganda como “a arte não de mentir ou distorcer, mas de escutar ‘a voz do povo’ e ‘falar com as pessoas na linguagem que essas pessoas entendem’”. Como observa o historiador Richard Evans, “Os nazistas agiram com base na premissa de que eles, e somente eles, através de Hitler, possuíam o conhecimento e a compreensão profundos da alma alemã”.<sup>4</sup> A ideia de uma verdade que emanasse da alma era o resultado de um ato de fé numa certeza absoluta que não podia ser corroborada.

Quando Adolf Hitler falava sobre grandes mentiras e grandes verdades, isso era sintomático de seu empenho em subverter o mundo do falso e do verdadeiro. O que esse homem entendia como mentiras eram fatos que se opunham à sua teoria racista do universo. Sua concepção de mundo se apoiava numa noção de verdade que não precisava de verificação empírica. Em outras palavras, o que é a verdade para a maioria de nós (o resultado demonstrado de causas e efeitos) era potencialmente falso para ele. O que a maior parte de nós veria como mentiras ou fatos inventados eram, para ele, formas superiores da verdade. Muito semelhante ao que a mídia populista atual reivindica, Hitler invertia a realidade projetando sobre seus inimigos sua própria desonestidade em relação à verdade, afirmando falsamente que os judeus eram mentirosos, não ele. O mentiroso fascista agia como se ele representasse a verdade e acusava os judeus de se engajar numa “colossal distorção da Verdade”. Entretanto, Hitler associava essa verdade real aos mitos antissemitas em que acreditava, e os quais propagava.

Os principais conhecedores dessa verdade relacionada às possibilidades no uso da falsidade e da calúnia sempre foram os judeus; pois, afinal de contas, toda a existência deles é baseada na grande mentira, isto é, a de que são uma comunidade religiosa, enquanto, na verdade, eles são uma



raça – e que raça! Uma das maiores mentes da humanidade os definiu para sempre como tais numa frase eternamente correta, de verdade fundamental: ele os chamou “os grandes mestres da mentira”. E quem não reconhecer isso ou não quiser acreditar nisso jamais neste mundo será capaz de ajudar a verdade a vencer.<sup>5</sup>

Nas décadas de 1930 e 1940, Hitler, os fascistas argentinos e muitos outros fascistas em todo o mundo viram a verdade incorporada nos mitos antissemitas – aquilo que o filósofo judeu alemão Ernst Cassirer chamou de “mito conforme o plano”.<sup>6</sup> Os fascistas sonhavam com uma nova realidade, e então transformaram a que era real. Dessa forma, eles redesenharam as fronteiras entre mito e realidade. O mito substituiu a realidade com políticas que visavam reformular o mundo segundo as mentiras em que os racistas acreditavam. Se as mentiras antissemitas afirmavam que os judeus eram inerentemente imundos e contagiosos, devendo assim ser mortos, os nazistas criaram condições nos guetos e nos campos de concentração para que a imundice e a difusão de doenças contagiosas se tornassem realidade. Esfomeados, torturados e radicalmente desumanizados, os prisioneiros judeus se tornaram aquilo que os nazistas tinham planejado para eles, sendo conseqüentemente assassinados.

Em sua busca por uma verdade que não coincidia com a experiência do mundo, os fascistas decidiram transformar a metáfora em realidade. Nada havia de verdadeiro em relação às falsidades ideológicas fascistas, mas seus adeptos, ainda assim, queriam tornar essas mentiras bastante verdadeiras. Eles concebiam que o que viam e não apreciavam era uma *inverdade*. Mussolini argumentava que a tarefa essencial do fascismo era refutar as mentiras do sistema democrático. Ele também opunha a verdade do fascismo à “mentira” da democracia. O princípio da encarnação era central para a oposição mítica do Duce entre “mentiras” democráticas e “verdades” fascistas. Mussolini acreditava numa forma de verdade que transcenderia o senso comum democrático porque ela seria transcendental: “Num certo momento de minha vida, eu corri o risco de me tornar impopular junto às massas ao anunciar-lhes o que eu julgava ser a nova verdade, uma santa verdade [*la verità santa*]”.<sup>7</sup>

Para Mussolini, a realidade devia obedecer a imperativos míticos. Pouco importava se as pessoas não se convencessem de início; essa

descrença também precisava ser desafiada. A estrutura mítica do fascismo estava enraizada no mito fascista da nação. Esse mito, ele declarou, “desejamos traduzir numa completa realidade”. O mito podia mudar a realidade; a realidade, contudo, não podia representar um obstáculo para o mito. A verdade sagrada do fascismo era igualmente definida pela imposição de limites peculiares entre verdades fascistas e a falsa natureza do inimigo. Por outro lado, havia as mentiras do inimigo. Em toda a Europa, as pessoas estavam encantadas com “a obsessão do Mito Russo” – o Bolchevismo –, mas Mussolini considerava que esses mitos rivais eram falsos, na medida em que eles se opunham às formas absolutas da Verdade enraizada no extremo nacionalismo e, é claro, à sua própria liderança, que ele identificara ao mito.<sup>8</sup> A esse mito, disse o Duce, “nós subordinamos todo o resto”.<sup>9</sup>

Em seu processo de modernização do mito, os fascistas o transformaram de uma questão de convicção pessoal para uma forma primária de identificação política. Nessa reformulação, a verdadeira política era a projeção de um antigo e violento “eu” interior que superava os artifícios da razão quando aplicado à política. Essa operação lhes permitiu definir como verdade tudo que se conformava às suas próprias metas, postulados e desejos ideológicos.

Essa dimensão mítica do fascismo era antidemocrática. A democracia tem historicamente se apoiado em noções de verdade como o oposto às mentiras, crenças equivocadas e informações errôneas.<sup>10</sup> Por outro lado, os fascistas apresentaram uma noção radical da verdade na ditadura. Como o historiador Robert Paxton explicou, para os fascistas, “a verdade era qualquer coisa que permitisse ao novo homem (e mulher) fascista dominar os outros, e qualquer coisa que fizesse o povo escolhido triunfar. O fascismo não se apoiava na verdade de sua doutrina, mas na união mítica do líder com o destino histórico de seu povo, uma noção relacionada às ideias românticas de florescimento nacional histórico ou ao gênio artístico ou espiritual do indivíduo, embora o fascismo, por sua vez, refutasse a exaltação do romantismo da criatividade pessoal irrestrita”.<sup>11</sup>

A unificação metafórica dos fascistas entre povo, nação e líder baseava-se em considerar o mito como a forma extrema da verdade. Mas houve vários precedentes políticos. Esse estranho status das verdades e



das mentiras no fascismo é uma dimensão recorrente na longa história do relacionamento entre a verdade e a política. Para a filósofa Hannah Arendt, se a história da política sempre demonstrou uma relação tensa com a verdade, a resolução do fascismo para essa tensão significa a destruição da política. As mentiras organizadas definem o fascismo, e somente os fatos (e as mentiras) prescritos pela liderança podiam ser aceitos como verdadeiros.

A distorção da verdade em nome da promoção de uma realidade alternativa é um fenômeno comum na história do fascismo. O ditador fascista espanhol Francisco Franco negava notoriamente sua participação num dos maiores crimes de guerra: o abominável bombardeio de Guernica, que deixou mais de mil mortos. Embora o bombardeio seja um ato bem documentado do governo fascista, Franco alegou que “os vermelhos” tinham “destruído Guernica”, a fim de difundir “propaganda” e mentiras sobre ele.<sup>12</sup> Agindo dessa forma, ele cooptava a própria noção da verdade, afirmando que as mentiras não eram suas, mas sim dos seus inimigos políticos.

Do mesmo modo, os nazistas não faziam distinção entre fatos observáveis e “verdades” impulsionadas ideologicamente. O resultado mais radical da ditadura totalitária surgiu quando “líderes de massas aproveitaram o poder para adaptar a realidade às suas mentiras”.<sup>13</sup> Alguns anos mais tarde, em seu controverso estudo sobre Adolf Eichmann, Arendt desenvolveu uma importante investigação sobre o raciocínio de um arquiteto do Holocausto, que resumiu esse fenômeno de “extremo desdém pelo fato enquanto tal”. Arendt equiparou o afiançamento de Eichmann às mentiras com uma sociedade inteira “protegida contra a realidade e a factualidade exatamente pelos mesmos meios, os mesmos autoenganos, mentiras e estupidez que haviam agora se tornado enraizados na mentalidade de Eichmann”.<sup>14</sup>

Arendt não percebeu uma dimensão importante do julgamento de Eichmann: a perspectiva da verdade apresentada pelas vítimas.<sup>15</sup> Falta igualmente, no retrato de Eichmann feito por Arendt, a profunda dedicação ideológica do homem, seu fanatismo mesmo. À beira da morte, Eichmann afirmou cerimoniosamente: “Vida longa à Alemanha, vida longa à Argentina, vida longa à Áustria. Nunca me esquecerei delas”.<sup>16</sup> Arendt classifica esse momento como de uma “grotesca



estupidez”, uma exaltação de como Eichmann pressentia a relevância de sua própria morte. Mas, para Arendt, essa tomada de consciência sugeria uma representação trivial do momento, não sua interpretação ideológica. Ela identificou as últimas palavras de Eichmann com “clichês” e a banalidade do mal. Outros historiadores têm preferido enfatizar como a escolha dessas últimas palavras, e, em geral, seu passado e seus crimes nazistas, foram resultado do profundo comprometimento de Eichmann com o que ele considerava como verdade ideológica essencial do nazismo.<sup>17</sup> Eichmann via sua vida e sua morte como uma memória que foi além de seu itinerário transatlântico de múltiplas cidades, de Berlim a Buenos Aires e de Buenos Aires a Jerusalém.

Muitos anos antes de Eichmann enfrentar a justiça em Jerusalém, o escritor argentino Jorge Luis Borges imaginou a morte de um nazista semelhante, num conto publicado em Buenos Aires, em 1946. Após a derrota do nazismo, o assassino ficcional de Borges, Otto Dietrich zur Linden, reflete sobre o significado do fascismo, o passado e o atual. Zur Linden vivera o sublime momento da guerra, mas, para ele, na derrota é que a verdade definitiva seria plenamente revelada: “Nos grandes dias e noites de uma guerra feliz. No próprio ar que respirávamos havia um sentimento não dessemelhante do amor. Embora o mar estivesse repentinamente próximo, havia fascínio e exaltação no sangue”. Mas a verdade não foi encontrada nesse júbilo. Não foi no sublime momento de vitória, mas ao sabor do “excremento” da derrota, que nazistas como ele encontraram a verdade que transcendia as explicações factuais.

Pensei que eu estava esvaziando a taça de ódio, mas nos excrementos encontrei um inesperado sabor, o misterioso e quase terrível sabor da felicidade. Tentei diversas explicações, mas nenhuma pareceu adequada. Eu pensei: Estou contente com a derrota, pois secretamente sei que sou culpado, e somente o castigo pode me redimir. Eu pensei: estou contente com a derrota por que ela é um fim e estou muito cansado... Eu pensei: estou contente com a derrota porque ela aconteceu, porque ela está irrevogavelmente associada a todos aqueles eventos que são, que foram, e que serão, porque censurar ou deplorar uma única ocorrência real é uma blasfêmia para com o universo. Eu me entretive com essas explicações, até que encontrei a verdadeira.

Após descartar os fatos e a experiência vivida, zur Linden associava a verdade à fé nazista. Para zur Linden, subdiretor do campo de concentração de Tarnowitz, a verdadeira “explicação” do fascismo se baseava na afirmação da devoção à violência. Tratava-se de uma fé – dispensando corroboração – que estabeleceria o “paraíso” terrestre: “O mundo estava morrendo por causa do judaísmo, e por causa dessa doença do judaísmo que é a fé de Jesus; nós o ensinamos a violência e a fé na espada”.<sup>18</sup>

Como Borges maliciosamente sugeriu na citação que serve de epígrafe a este capítulo, as mentiras devem ser reconhecidas como tais, mas não se pode ignorá-las quando são analisados os atos de violência que elas inspiraram. Ainda que seja claro para nós que, como o narrador nazista imaginário de Borges, Eichmann estivesse se iludindo em Jerusalém, não é assim que os fascistas explicavam e viviam suas ações. O modo fascista de entender seu papel na História em termos míticos exige uma explicação histórica. Arendt foi mordaz ao apontar a função e o papel dessas mentiras no sistema totalitário sem analisar por que os fascistas acreditaram nelas em primeiro lugar. Ela não estava interessada no raciocínio de seus motivos. Arendt argumentou: “O sujeito ideal da ordem totalitária não é o nazista convencido nem o comunista convencido, mas as pessoas para as quais a distinção entre fato e ficção (ou seja, a realidade da experiência) e a distinção entre verdadeiro e falso (ou seja, os padrões do pensamento) não existem mais”.<sup>19</sup> Mas, tão importante quanto esse sujeito generalizado “ideal”, no presente livro, meu foco é sobre aqueles que estavam convencidos. Em outras palavras, Arendt estava lidando com tipos ideais, ao passo que eu observo as figuras reais, historicamente documentadas, fundamentando empiricamente meus argumentos na história do fascismo. Historiadores do fascismo também precisam compreender como os fascistas justificavam suas mentiras.

Por que os fascistas acreditavam que suas mentiras eram verdades? Como diversos antifascistas notaram na época, a história fascista da ditadura foi baseada em mentiras. O imaginário mítico que os fascistas puseram em evidência como realidade nunca podia ser corroborado porque se baseava em fantasias de dominação total no passado e no presente.



## VERDADE E MITOLOGIA NA HISTÓRIA DO FASCISMO

EM 1945, HANNAH ARENDT observou que o fascismo era uma mentira absoluta, uma mentira com efeitos políticos assustadores. Os fascistas deliberadamente transformaram mentiras em realidade. “O essencial foi que eles exploraram a antiga noção preconcebida ocidental que confunde realidade com verdade”, ela escreveu, “e transmutaram em ‘verdade’ algo que, até então, só podia ser considerado como uma mentira”.

Para Arendt, a realidade é maleável, mutável, mas a verdade, não, e qualquer argumentação com fascistas era sem sentido. De fato, os fascistas agiram para dar às suas “mentiras” uma “base *post facto* na realidade” – destruindo efetivamente a verdade, não a ocultando. Na opinião de Arendt, essa forma de política ideológica conduz inexoravelmente à obliteração da realidade tal qual a conhecemos. As mentiras fascistas produziram uma realidade alternativa. Mas a interpretação pessoal de Arendt sugeriria que a destruição da verdade foi abastecida por uma crença naquilo que os fascistas entendiam como uma verdade mais transcendental, e não uma simples mentira.<sup>1</sup> Arendt não estava simplesmente insultando os fascistas. Assim como ela, muitos antifascistas contemporâneos queriam entender por que tantas pessoas foram persuadidas de que a ideologia fascista representava uma única verdade. Certamente, alguns fascistas proeminentes eram hipócritas e mentirosos que concebiam a ideologia como uma ferramenta de propaganda. Mas, se assim foi, por que e como seus líderes mais importantes e muitos de seus partidários frequentemente seguiram essas mentiras e propagandas até o fim, a ponto de morrerem pela causa? Quem é capaz de morrer por uma mentira?

O fascismo não foi apenas uma mentira hipócrita, mas uma experiência vivida e acreditada tanto a partir de cima como a partir de baixo. A criação de uma identidade fascista através da internalização de temas fascistas teve vários significados, alguns oficiais e outros que foram instâncias espontâneas da percepção fascista.<sup>2</sup> Houve muitos adeptos. No fascismo, a ficção deslocou a realidade e se *tornou* uma realidade. Para os descrentes, essas fantasias fascistas podiam e podem ser consideradas posições falsas, reivindicações inautênticas na natureza da política. Para os fascistas, é o oposto.

Especialmente no período entre 1922 e 1945, havia um extraordinário consenso entre os fascistas e os antifascistas em relação à natureza não racional da verdade transcendental no fascismo e em relação à pertinência do inconsciente na política. Para os fascistas, o inconsciente – um termo complexo usado por Sigmund Freud, Theodor W. Adorno e outros para transmitir a dimensão mais irracional do “eu”, a parte incapaz de consciência – representava simplesmente o “eu” pré-racional interior que o fascismo tornaria consciente.

Diferentemente de Freud e, em geral, dos psicanalistas, o fascismo desenvolveu uma ideia dessa identidade como uma fonte da verdade, um estado de pré-consciência que o fascismo podia extrair e traduzir em realidade política. Conforme veremos, os fascistas, mas também muitos outros, frequentemente usam essa ideia de identidade para destacar que eles enxergam a si mesmos como os intérpretes principais dos imperativos políticos subconscientes que, às vezes, transcendiam suas próprias nações e cruzavam o globo. No fascismo, a passagem da inconsciência para a consciência representava o momento em que a verdade transcendental era finalmente revelada.

Em termos históricos, o fascismo pode ser definido como uma ideologia global com movimentos e regimes nacionais. O fascismo foi um fenômeno transnacional tanto dentro quanto fora da Europa. Uma formação contrarrevolucionária moderna, ele era ultranacionalista, antiliberal e antimarxista. Resumindo, o fascismo não era uma mera posição reacionária. Seu alvo principal era destruir a democracia a partir de seu interior, de maneira a criar uma ditadura moderna a partir de cima.



Ele foi o produto de uma crise do capitalismo e de uma crise simultânea de representação democrática. Os fascistas transnacionais propunham o Estado totalitário, no qual a pluralidade e a sociedade civil seriam silenciadas, e gradualmente deixaria de haver distinções entre o público e o privado, ou entre o Estado e seus cidadãos. Em regimes fascistas, a imprensa independente era fechada, e o Estado de direito, inteiramente destruído.

O fascismo defendia a forma divina, messiânica e carismática de liderança que concebia o líder como organicamente ligado ao povo e à nação. Ele considerava a soberania popular totalmente conferida ao ditador, que agia em nome da comunidade de indivíduos e sabia melhor do que eles o que eles realmente queriam. Os fascistas substituíram a história e as noções com bases empíricas da verdade pelo mito político. Eles tinham uma concepção extrema do inimigo, considerando-o como uma ameaça existencial à nação e a seu povo, que deveria, de início, ser perseguido e, então, deportado e eliminado. O fascismo visava criar uma nova ordem mundial histórica através do incremento contínuo de uma política extrema de violência e guerra. Enquanto ideologia global, o fascismo se reformulou constantemente em diferentes contextos nacionais e se submeteu a constantes permutações nacionais.

O fascismo foi oficialmente fundado na Itália em 1919, mas a política que ele representava surgiu simultaneamente em todo o mundo. Do Japão ao Brasil e à Alemanha, e da Argentina até a Índia e a França, a revolução racista, violenta e antidemocrática da direita que o fascismo representava foi adotada em outros países com nomes diferentes: nazismo na Alemanha, nacionalismo na Argentina, integralismo no Brasil, e assim por diante. O fascismo foi transnacional antes mesmo de Mussolini usar a palavra *fascismo*, mas quando ele se tornou um regime na Itália em 1922, a palavra recebeu atenção mundial e adquiriu diferentes significados em contextos locais. Isso não quer dizer que as influências dos italianos (ou dos franceses ou, mais tarde, dos alemães) não tenham sido importantes para os fascistas transnacionais.

Os fascistas reuniram diversas estratégias de curto prazo com uma preconcepção básica e duradoura do mundo. A síntese fascista se baseava nessa impossível transição de política da vida cotidiana para o dogma. Seus intérpretes em todo o mundo tiveram que articular um



relacionamento frequentemente tenso entre a prática (estratégia) e o ideal (teoria) fascistas. Ideias sobre o divino, a raça, o povo, o império e o passado mítico eram constantemente adaptadas às particularidades de realidades bem diferentes, do sudeste e leste asiáticos, Europa, Oriente Médio e América Latina. Na Índia e no Oriente Médio, essas ideias serviram ao propósito de repensar uma variante autoritária do pós-colonialismo, ao passo que no Japão foram usadas para repensar a modernidade do império. Na América Latina republicana pós-colonial, o fascismo se apresentou com frequência como uma continuidade do império espanhol pré-republicano, mas também como o principal caminho para fazer avançar uma forma autoritária de anti-imperialismo. Acima de tudo, o fascismo desenvolveu uma forma radical de subjetividade política. O sentido interno do fascismo representava a matriz fascista, sua sagrada dimensão fundadora, e essa concepção de uma intuição inconsciente, pré-racional, expressava a suposta pureza do ideal fascista, o “*feeling* fascista” que manteve os universos fascistas das pessoas e das ideias específicas estreitamente unidos.

O fascismo foi formulado com base numa ideia moderna de soberania popular, mas uma na qual a representação política havia sido eliminada e o poder era delegado inteiramente ao ditador, que agia em nome do povo. Ideias míticas legitimaram essa ordem das coisas e foram consideradas verdades transcendentais.<sup>3</sup>

A equação fascista de poder, mito e verdade não era totalmente nova. Para antifascistas críticos, o fascismo seguia e transformava uma antiga tradição de insensatez. Observadores perspicazes entre eles notaram que importantes tradições românticas funcionavam como pano de fundo para essa noção da verdade, uma “realidade” que emergia dentro e fora do “eu”. Notavelmente, durante os anos entre as duas guerras, o escritor argentino Jorge Luis Borges chamava a atenção para a obra do escocês Thomas Carlyle – historiador satírico e inimigo do progressismo – como o intelectual precursor do fascismo. Para Borges, Carlyle era um “sonhador de pesadelos”. Ele propôs uma “teoria política” que seus contemporâneos não compreenderam, “mas que agora se encaixa numa única e conhecida palavra: nazismo”. Essa genealogia do fascismo sugeria um mundo em que “heróis eram semideuses intratáveis que, com

franqueza militar e palavras sujas, governavam uma subalterna humanidade”.<sup>4</sup>

Se Borges enfatizou as peculiares contribuições de escritores e filósofos europeus, por outro lado, ele foi negligente ao não mencionar as genealogias intelectuais convergentes do fascismo em seu próprio contexto latino-americano. Nos ensaios críticos sobre o liberalismo compostos por José Enrique Rodó – o autor uruguaio de *Ariel*, que lançou a forma eminente do romantismo latino-americano – e nas primeiras obras de Leopoldo Lugones – o mais famoso escritor argentino à época –, encontramos a noção da verdade que emergiu do “eu” e foi impregnada com um sentido pleno de beleza e ordem.

Uma tradição romântica latino-americana anterior havia enfatizado uma conexão entre o liberalismo e a construção de um “eu” autônomo aberto à dissidência, questionando as contradições do mundo exterior. Rodó e Lugones associavam essas contradições às modernas democracias liberais. Antigos pensadores antidemocráticos e anti-individualistas, desde o positivista Auguste Comte ao reacionário anti-iluminista Joseph de Maistre, inventaram a ideia da necessidade de uma verdade absoluta na política.<sup>5</sup> Rodó e Lugones seguiram o exemplo.

A rejeição da democracia existente estava no centro do apelo desses escritores por um retorno à Grécia clássica. Para Rodó e o precoce Lugones (em suas fases socialista e liberal-conservadora, que precederam sua virada fascista nos anos 1920), a definição da genealogia intelectual básica do continente, o legado clássico, permitia às nações latino-americanas contornar a Europa moderna e os Estados Unidos. Sendo um fascista no período entreguerras, Lugones retornaria a essas opiniões sobre a Argentina e a América Latina. Ele via seu país e seu continente como emanações dos mitos clássicos que levantavam a questão dos princípios básicos da razão e da modernidade. Para ele, o retorno do mito prefigurava o que chamaria de a “criação verdadeira” da ditadura.<sup>6</sup>

Enquanto fascistas como Lugones criavam um passado mítico para suas propostas modernas para a ditadura fascista, Borges partilhava com vários outros antifascistas transatlânticos um entendimento histórico mais crítico das origens do fascismo na ideologia anti-iluminista. Em 1934, Max Horkheimer argumentou que “a tendência a subordinar a verdade ao poder não surgiu primeiramente com o fascismo”. O